

Papão

O luar daquela noite quente de agosto abraçava a planície em frente ao acampamento. As cigarras dormiam cansadas de tanto cantar. Nem se ouvia o característico ciciar das folhas do laranjal que ficava mesmo atrás. O vento estava demorado. O calor fazia-se sentir tão intensamente como durante aquela longa tarde de caminhada.

O grupo tinha calcorreado trinta quilómetros levando como fardo as mochilas que com o passar das encruzilhadas iam aumentando de peso. Tinham planeado estas férias durante todo o ano letivo - uma semana no Alentejo que culminaria com o Festival do Sudoeste na Zambujeira do Mar. Hoje não montariam as tendas e dormiriam sob as estrelas. Lavaram os pés inchados na água fina de um riacho que vinha do laranjal. Depois de encostarem cada fardo ao muro do convento em ruínas comeram o resto das sandes e mordiscaram os biscoitos de papoila dormideira que a mãe de Sofia lhe colocou num dos bolsos laterais da mochila. O cansaço era tanto que nem tinham vontade de conversar, e num ápice estavam todos a dormir profundamente.

A massa de ar quente que os envolvia espreguiçou-se, iniciando um pequeno movimento provocado pelo ar fresco que finalmente chegava da costa. A amplitude térmica variou de tal forma que a frágil e pequena brisa depressa se transformou num vendaval. O grasnar das árvores fustigadas pelo vento entranhou-se na mente de Sofia enquanto uma almofada de ar frio lhe pesou as omoplatas e lhe tomou conta do seu corpo frágil. A direção do vento empurrava os ramos das laranjeiras que

desciam sorrateiramente envolvendo o grupo de amigos com as suas folhas duras e pontiagudas. Ao longe já se viam relâmpagos que rasgavam o breu da noite, revelando formas que se assemelhavam a homens com capuchos.

“Acordem! Temos que procurar abrigo!” alguém gritou. Ainda meio atordoados levantaram-se, pegaram as mochilas e saltaram o muro. Ao longe avistaram um edifício que parecia ideal para se protegerem da trovoadas. Galgaram o jardim em direção ao refúgio sem verem onde colocavam os pés. Quando estavam a alcançar a porta, o chão escapou-se-lhes... Sofia sentiu que caía num poço sem fundo, a tal velocidade que quase a impedia de respirar. Sentiu o coração colado ao estômago e os olhos pareciam saltar-lhe das órbitas de tanto rodopiarem. De repente parou de cair, e por segundos sentiu-se flutuar como se a matéria corporal tivesse deixado de existir, em autêntica ausência de gravidade. Mal se tinha recomposto sentiu-se novamente sugada para um túnel, em grande aceleração, dando-lhe a sensação de estar numa montanha russa onde vários loopings e uma atordoante descida em parafuso lhe roubaram a pouca energia que ainda lhe restava. Sofia perdeu os sentidos.

Pouca a pouco foi ouvindo a voz dos amigos que ainda assustados faziam tudo para a reanimar, enquanto ao mesmo tempo ouvia um sussurro longínquo, “Paaaapãooo... paaaapãooo...”. Este murmúrio foi a alavanca que a colocou de pé junto do grupo. Lembrou-se de quando era pequenina ir a correr para a cama dos pais com o papão atrás dela. Ninguém acreditava que ela via o papão, diziam-lhe que não existia e pronto. Com o passar do tempo e o sono mais pesado, devido aos

biscoitos de sementes de papoila dormideira com o seu copo de leite branco quentinho, nunca mais viu sinais do papão.

Onde estariam?... Na cozinha do convento! E que azáfama se apoderou dos frades cozinheiros! De um lado assava-se um faisão recheado de castanhas e ameixas regado com vinho doce, do outro fazia-se um suculento cozido à portuguesa onde predominavam os enchidos de porco, várias carnes tenras e o feijão vermelho, enquanto da panela de ferro fumegava uma aromática sopa de legumes enriquecida com presunto. Para completar, estavam dois frades de volta dos ovos, açúcar, canela, amêndoa, figos e outros frutos secos. Dali saíam com certeza os doces mais deliciosos alguma vez provados.

Naquele momento ouviu-se novamente o murmúrio a várias vozes como se de um canto gregoriano se tratasse: “Paaaapãoooo...” Sofia sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e cada milímetro da sua pele transpirava. Olhou para os amigos, depois para os frades e reparou que todos trajavam grossos hábitos castanhos com um cordão na cintura a servir de cinto e ao peito um crucifixo de madeira toscamente talhado em forma de “tau” - τ. Eram todos frades franciscanos.

Tinha de saber o que se passava. Aproximou-se dos frades que faziam a doçaria e perguntou porque motivo frades franciscanos, cuja regra principal era viver na pobreza, preparavam tão faustoso banquete. Estes olharam para ela com ar incrédulo, depois olharam um para o outro e o mais velho informou-a:

“É que o fantasma do *Papão* habita no nosso convento. Instalou-se cá no ano da graça de 1834, quando foi emitido pela corte o decreto que

obrigava à extinção das Ordens Religiosas. Não sabemos quem é, chamamos-lhe Papão porque ele come sem parar. E quando não fica satisfeito ameaça que nos denuncia.”

Aah! Afinal o papão existe! concluiu Sofia, e um calafrio tirou-lhe a cor rosada da face... Encheu-se de coragem e perguntou-lhes como era o papão, ao que eles se prontificaram a descrever - alto e gordo com uma cabeleira branca, comprida, penteada com caracóis e canudinhos; de vez em quando aparecia com um leão que comia tanto como o dono.

Nesse momento um grito gutural petrificou todos quantos estavam na cozinha: “Comiiiiidaaa...” Sofia ainda assustada reuniu-se com os amigos e disse:

“Penso que sei quem é o papão...”

“Quem?” perguntaram surpresos, tal como alguns frades.

“É o fantasma do Marquês de Pombal!” Já mais frades se encontravam ao redor de Sofia e dos amigos e pouco depois já pediam ajuda para se livrarem do fantasma. Sofia assentiu, advertindo-os que deviam continuar a alimentar a gula do fantasma.

Começaram então a delinear o plano de salvamento dos frades. O fantasma papão achava que ninguém o conhecia, pois os meios de comunicação do seu tempo eram praticamente inexistentes, e poucos sabiam o seu verdadeiro nome - Sebastião José de Carvalho e Melo. O plano consistia em enfurecer o fantasma até ele rebentar de raiva e assim desaparecer. Se assim o planejaram mais depressa o executaram.

Esperaram ansiosamente que o fantasma chegasse à cozinha para comer e logo que tal aconteceu desataram a cantar junto dele:

“Sebastião come tudo tudo tudo

Sebastião come tudo sem colher

Sebastião é um grande barrigudo

E aqui ninguém o quer!”

Ao coro dos amigos da Sofia, juntaram-se uma a uma as vozes dos frades, e o som da cantilena provocou tal ressonância nos ouvidos do Papão que este começou a inchar, a inchar, a inchar, e quando atingiu o seu máximo de elasticidade, Sofia tocou-lhe com a ponta do seu pin preferido e ele rebentou fazendo um pequeno “pfffffffffff”.

O sol espreitava atrás do laranjal e o grupo começou a despertar. Ouviram um cantarolar e olharam para o lado. Muito agitada com um pin na mão, Sofia cantarolava “Sebastião come tudo tudo tudo...”

“Acorda Sofia,” abanaram-na até esta se levantar. E lembraram: “Temos que continuar. Já estamos perto da Herdade da Casa Branca na Zambujeira do Mar, e é hoje que começa o pré-festival com o Bob Sinclair. E não te esqueças que também vão inaugurar o quarto palco que vai aquecer com os Full Metal Funk...”